

Noites Brancas

Após se lançar ao mercado da literatura com um sucesso estrondoso, e seguir para uma estratégia arriscada de lançar algo praticamente inédito no universo russo, Dostoiévski retorna para um lugar confortável a ele, grande prosador (ainda que, até o momento essa faceta seja desconhecida dos leitores) que pode escrever uma novela belíssima, em um país onde os contos são o estilo literário mais consumido e amado.

A *Senhoria* é um típico conto do realismo, que vem para cumprir com sua função de época, como foi entendido pelo grande crítico da época:

Beilisnki, o maior dos críticos literários russos... interpretou o conto O Capote, de Gógol como a verdadeira volta à alma do povo russo e à realidade da Rússia. Declarou guerra a todas as tendências conservadoras na literatura e proclamou a substituição do Romantismo reacionário pelo Realismo de tendências sociais; a própria razão de ser da literatura seria a descrição realista e impressionante dos sofrimentos do povo, para criar a mentalidade revolucionária.¹

Nessa obra, Dostoiévski entrou em um período de sua carreira que durou bons anos, o necessário para levar o público de volta às suas páginas e para levar o autor ao encontro de seu grande desfecho, os grandes romances. Em páginas de descrição da vida urbana em São Petersburgo, do homem supérfluo de Turguêniev, da vida nas repartições de O Capote e da vida campestre de Tolstói, Fiódor pôde chegar ao O Idiota, onde plana por todos esses ambientes e se utiliza de seu talento natural de produzir grandes diálogos, como o que se dá no início do conto que aqui nos propomos a analisar, quando Ordínov obstinado a encontrar um apartamento no mesmo prédio de sua madona, dá de frente com o porteiro e imagina ter então a oportunidade de descobrir logo uma forma de ali morar, porém depara-se com a dificuldade de travar diálogo com um brucutu.

- Estou procurando um alojamento – Respondeu Ordínov com impaciência.
- Que alojamento? – perguntou o porteiro com um risinho. Olhou para Ordínov de um jeito, como quem está a par do assunto.
- Preciso alugar de um locatário.
- Nesse pátio não tem.
- E aqui?
- Nem aqui. – Nisso o porteiro pegou sua pá.
- ...
- Como você se chama?
- Me chamo porteiro.

Essa capacidade de expor as características de suas personagens sem descrevê-las, concede ao leitor o prazer de ler uma história que é sua e não de outro, o prazer de ter a sensação de ser o primeiro a ler aquela história, e não de estar ouvindo-a da boca de alguém, “o Narrador”. Fiódor dá corda nas personagens e elas saem por aí, criando suas cenas, travando seus contatos e gerando conflitos que sabe Deus como se resolverão. E assim temos Ordínov, rondando por

¹ CARPEAUX. O. M. *História da Literatura Ocidental – O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo* por Carpeaux. LeYa. Rio de Janeiro, 2012.

ruas desconhecidas até que *atravessando uma ruela comprida, ele saiu numa pequena praça, onde havia uma igreja paroquial. Entrou nela distraidamente. A cerimônia religiosa havia apenas terminado; a igreja estava quase completamente deserta, apenas duas velhinhas ainda permaneciam ajoelhadas junto à entrada.* Foi ali que nosso personagem, um autêntico homem supérfluo que não tinha papel algum na sociedade de sua época, encontrou a razão para a vida, razão não encontrada na literatura, na ciência e nos idiomas, encontrou-a na face de um anjo, quando desalentado da vida se recosta nas paredes de uma igreja já sem luz, onde apesar da escuridão o ínfimo brilho das velas faz resplandecer o ouro dos ícones, quando entra, vestida de branco e azul-celeste, sua “mãe”, sua “irmãzinha” ...

A Senhoria se explica em Noites Brancas, pois ali Dostoiévski dá mais um passo rumo às pazes para com o público, conseguindo elevá-lo sem rebaixar-se. Cede na simplicidade, eleva-se na beleza com a exposição das entranhas do corpo que Turguêniev apresentou ao leitor. Assim como *Gente Pobre* foi à fundo no universo de O Capote, Noites Brancas revela o que está na construção do personagem jovem e inteligente, que apesar de ter o poder da juventude e a potência do intelecto, nada faz para seu povo. Dostoiévski cumpre com a missão que o Romantismo exigia na Rússia de 1850 e entrega a seu público a exposição da pobreza, a violência no campo, o misticismo em tudo o que há no solo russo, o mal estar da vida na metrópole, o sentimentalismo que leva à autocomiseração e corrói as chances de ser feliz... A Senhoria é um tratado, um manual de como fazer Romantismo com propósito. O leitor chega às páginas finais ciente do problema e do rumo a ser tomado para acabar com o que tem que ser acabado. Dostoiévski é, não sem motivos, a força motriz do imaginário revolucionário russo.

Se *A Senhoria* dá fôlego ao leitor de *O Duplo, Noites Brancas* o sublima. Mesmo diante do final doloroso o leitor não toma o livro pela tristeza, assim como o personagem principal -- que não revela seu nome ao longo da trama e se descreve apenas como “Sonhador” -- também não se deixa abater, vive com o lamento mas segue vivendo. O leitor fecha o livro com os olhos úmidos, mas fecha e abre outro, senão hoje, amanhã certamente.

Com ambas as obras, Dostoiévski consegue se reatar ao público ainda que tenha espicaçado mais uma vez a crítica, ao produzir algo que hoje se chama de melodrama e à época era chamado Romantismo, termo que nas rodas de alta cultura corresponderia muito bem ao que entendemos por “brega”. A história do Sonhador e Nástienka é romântica por demais, de tão romântica que chega a esboçar um sorriso quando se ouve o tom do apaixonado, descrevendo sua vida como um poeta espanhol descreve suas damas em perigo. Mas Fiódor sabe rebaixar seu romantismo até o ponto onde não se tem dúvida de que sua produção é satírica ao romantismo clássico, e sabe dosar com dor e lágrimas a ponto de não deixar o leitor se transformar numa moça lendo Jane Austen.

Noites Brancas não se aproxima do Naturalismo como acontece em A Senhoria, mas as descrições das ruas de Petersburgo² fazem com que o leitor se esqueça de qualquer pretensão com a leitura, e simplesmente se regozije com a capacidade que os gênios tem de transformar papel e tinta em transmissão de inspiração para se ver o sol além das nuvens cinzentas.

Fernando Melo
Brasília, 27 de março de 2021

² Ver mapa no material complementar dessa aula, todos colhidos no excelente *Uma história cultural da Rússia*, de Orlando Figes.